

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO

III SEMINÁRIO DE PESQUISA DA FESPSP

**TORCIDAS LIVRES E *QUEER* EM CAMPO: SEXUALIDADE E NOVAS PRÁTICAS
DISCURSIVAS NO FUTEBOL**

Pesquisador: Maurício Rodrigues Pinto – maorodrigues9@gmail.com

Orientadora: Profa. Dra. Marta de Aguiar Bergamin - martaber@usp.br

Resumo

Os debates em torno das relações entre esportes e sexualidade têm ganhado maior visibilidade nos últimos anos. O projeto buscará compreender os comportamentos que caracterizam de diferentes agentes (jogadores, torcidas, dirigentes e mídia esportiva) que vivem mais intensamente a experiência social do futebol, concorrendo para a naturalização da ideia de que futebol é “coisa pra macho” e a homofobia como estratégia recorrente para desqualificação do adversário.

Os objetos principais dessa pesquisa são torcidas livres e *queer*, mais especificamente a **Galo Queer**, a **Bambi Tricolor** e a **Palmeiras Livre**, constituídas na forma de comunidades na rede social Facebook. Tomando como base essas torcidas, serão analisadas ações e movimentos articulados principalmente na esfera virtual, que propõem práticas discursivas que questionam o futebol como um reduto de dominação masculina, que acaba por estigmatizar e segregar quem não se encaixa aos seus termos, mais precisamente mulheres e, principalmente, homens homossexuais.

Palavras-chave: Futebol, sexualidade, homofobia, masculinidades, torcidas e Facebook.

I - Introdução

Durante o ano de 2013 páginas na rede social Facebook foram criadas apresentando-se como torcidas de alguns dos times mais populares do Brasil, mas com um grande diferencial em relação a outros agrupamentos de torcedores. Para além de manifestar a torcida pelo “time de coração”, esses grupos externavam posicionamentos contrários às manifestações homofóbicas e machistas recorrentes nos estádios e práticas relacionadas ao futebol no Brasil.

Galo Queer, Cruzeiro Maria, Bambi Tricolor, Palmeiras Livre, Grêmio Queer, Queerlorado, entre outras, são comunidades resultantes da articulação de torcedores, que produzem e divulgam conteúdos com o propósito de colocar em xeque a ideia tão propalada de que futebol é “coisa pra macho”, reivindicando o reconhecimento da participação de homossexuais e mulheres, figuras historicamente segregadas de práticas que dão sentido ao esporte, como o jogar e o torcer. Essas páginas são curtidas e acompanhadas por milhares de pessoas.

Para além da repercussão que houve com o surgimento das torcidas *queer*, outros fatos recentes, no futebol brasileiro e no internacional, impulsionaram a discussão sobre as relações entre futebol e sexualidade. Episódios como o selinho do ex-atacante corinthiano Emerson Sheik em um amigo¹, a criação de uma torcida organizada gay do Corinthians, a Gaivotas Fiéis², a declaração pública de homossexualidade por atletas estrangeiros de

¹ Emerson, até então ídolo do Corinthians e herói da principal conquista do time, a Libertadores da América de 2012, postou uma foto beijando um amigo na sua página da rede social Instagram. A foto vinha acompanhada da seguinte mensagem: “*Tem que ser muito valente para celebrar a amizade sem medo do que os preconceituosos vão dizer. Tem que ser muito livre para comemorar uma vitória assim, de cara limpa, com um amigo que te apoia sempre. Hoje é um dia especial. Vencemos, estamos mais perto dos líderes...*”. Em < <http://uolesporte.blogosfera.uol.com.br/2013/08/19/sheik-comemora-vitoria-do-corinthians-com-selinho-em-amigo/> > Acesso 08/10/2014

Nos dias seguintes houve fortes reações de grupos ligados às principais torcidas organizadas do Corinthians, protestando com o que entenderam ser uma ofensa e desrespeito à instituição, pela associação do time à ideia de homossexualidade. Dias depois a principal torcida organizada do Corinthians, a Gaviões da Fiel, publicou em seu site a seguinte retratação do jogador: “*Não poderia ter feito isso, foi sem intenção, mas jogo em um clube de futebol, em um mundo cheio de rivalidades e provocações, qualquer comentário é motivo de chacota. Lamento se ofendi a torcida do Corinthians, não foi a minha intenção. Foi só uma brincadeira com um grande amigo meu, até porque eu não sou São Paulino*” (http://www.gavioes.com.br/noticia/nota_oficial_-_emerson_sheik_323)

² Idealizada pelo jornalista Felipeh Campos, a Gaivotas Fiéis apresenta-se como a “primeira torcida de inclusão do mundo” e “torcida gay organizada do Corinthians”. O objetivo, segundo Felipeh, é que a torcida, em breve, marque presença nos estádios. Em < <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2013/10/15/ex-sbt-cria-torcida-gay-do-corinthians-e-diz-que-futebol-tem-enrustidos.htm> >. Acesso em 11/10/2014.

algum destaque³, a aplicação de punições a clubes motivadas por injúrias homofóbicas⁴ e, mais recentemente, a divulgação de um manifesto pelo Corinthians lançou um manifesto para os seus torcedores contra a homofobia nos estádios, ação inédita por parte de um clube brasileiro⁵. Esses fatos, ocorridos entre 2013 e 2014, revelam que é crescente o interesse por analisar as relações entre sexualidade e futebol e tem ampliado o debate e os questionamentos acerca da ideia de que o futebol necessariamente tenha de ser um campo de reverência e centralidade masculina heterossexual

Porém, as resistências verificadas em alguns desses acontecimentos, especialmente com a repercussão do caso Émerson Sheik e da proposta de criação de uma torcida gay do Corinthians, a existência de um universo simbólico moldado por ações e modos de pensar característicos por parte de diferentes agentes que foram construindo uma maior relação de pertencimento com o evento futebol (torcida, dirigentes, mídia e jogadores), conformando um padrão de **dominação masculina**⁶, heteronormativa, calcada no modelo ideal da virilidade: "... a virilidade tem que ser validada por outros homens, em sua verdade de violência real ou potencial, e atestada pelo reconhecimento de fazer parte do grupo de 'verdadeiros homens' ". (BOURDIEU: 2002, p.64)

Nesse contexto, comportar-se e agir de maneira distinta ao modelo ideal, que produz o reconhecimento junto ao "grupo de 'verdadeiros homens'" pode ser percebido como uma falta de virtude e até mesmo um desvio de caráter. Isso legitima o emprego da injúria homofóbica recorrente na depreciação de figuras como jogadores/torcedores do time adversário, juiz (quando favorece a equipe adversária) ou de jogadores e torcedores da

³ No ano de 2013, o ex-jogador da Seleção da Alemanha, Thomas Hitzlsperger, e o estadunidense Robbie Rogers, que atua no LA Galaxy, time da *Major League Soccer*, liga profissional de futebol dos Estados Unidos, assumiram sua homossexualidade. Tornaram-se referências e porta-vozes em favor do respeito e do reconhecimento à participação de homossexuais no esporte. Em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2014/02/homossexualidade-no-esporte-brasil-mantem-futebol-dentro-do-armario.html>>. Acesso em 11/10/2014.

⁴ A equipe do Bayern de Munique (ALE) foi punida porque parte dos seus torcedores, durante um jogo realizado em Munique, levantaram um cartaz que fazia uma referência homofóbica ao jogador Mesut Özil, do Arsenal (ING), que enfrentava a equipe alemã. O caso rendeu multa ao clube e fechamento do setor da arquibancada em que estavam localizados os torcedores que levaram o cartaz. Em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,uefa-fecha-setor-de-estadio-do-bayern-de-munique-por-cartaz-homofobico,1144451,0.htm>>. Acesso em 11/10/2014.

⁵ Disponível em: < http://espn.uol.com.br/noticia/439412_contra-homofobia-corinthians-divulga-manifesto-por-fim-de-grito-de-bicha-no-tiro-de-meta >. Acesso em 10/10/2014.

⁶ Conceito de Pierre Bourdieu, que aparece no seu livro *A dominação masculina* (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002) cujo foco da análise é de como essa dominação define a relação entre homens e mulheres e a hierarquização de papéis sociais que cabem a cada gênero.

própria equipe, cuja má atuação ou conduta inapropriada, coloquem em risco a ideia de “integridade” do grupo estabelecido e o próprio modelo reverenciado⁷.

Mais do que isso, os xingamentos e associações à homossexualidade e à feminilidade soam como ofensas para desqualificação do outro, conformando um cenário de rivalidades em que tais expressões são entendidas como parte da “cultura do jogo”. Isso ficou evidente no clássico Corinthians x São Paulo, no dia 09 de março de 2014, quando a cada tiro de meta cobrado pelo goleiro tricolor Rogério Ceni, era entoado o coro “ÔÔÔ Bicha!”, pela torcida corinthiana⁸.

Para entender melhor o ideal de dominação masculina e a maneira como este regula as relações nos espaços e práticas que envolvem o futebol, farei uso dos conceitos **estabelecidos** e **outsiders**, desenvolvidos por Norbert Elias quando estudou as relações entre moradores mais antigos e grupos com menos tempo de residência na comunidade operária de Winston Parva, na Inglaterra. A dualidade estabelecidos-*outsiders* se dá por relações de poderes constituídas em uma determinada figuração, em termos eliasianos, em que o grupo que detém uma hegemonia defende a sua posição e reafirma o seu carisma de grupo a partir de uma constante relação de oposição àqueles que representariam um risco à pureza do grupo.

“A peça central dessa figuração é um equilíbrio instável de poder, com as tensões que lhe são inerentes. Essa também é uma condição decisiva de qualquer estigmatização eficaz de um grupo *outsider* por um grupo estabelecido. Um grupo só pode estigmatizar o outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído. Enquanto isso acontece, o estigma de desonra coletiva imputado aos *outsiders* pode fazer-se prevalecer. (...) Afirmar o rótulo de ‘valor humano inferior’ a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter a sua superioridade social. Nessa situação, o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso ao menos poderoso costuma penetrar na autoimagem deste último e, com isso, enfraquecê-lo e desarmá-lo” (ELIAS: 2000, pp. 23-24)

⁷ As torcidas organizadas do São Paulo não gritavam o nome do jogador Richarlyson, que atuou pelo clube entre 2005 e 2010. O jogador por diversas vezes teve a sua sexualidade questionada, mas sempre afirmou ser heterossexual. Também eram recorrentes as ofensas e cantos homofóbicos contra ele por parte de torcedores adversários e do próprio São Paulo. Ver: < <http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/brasileiro/serie-a/ultimas-noticias/2009/08/13/ult5895u6969.jhtm> >. Acesso em 08/10/2014.

⁸ Como comparação, dias depois, uma parte da torcida do Bayern de Munique (ALE) levantava um cartaz que fazia uma referência homofóbica ao jogador Mesut Özil, do Arsenal (ING), que enfrentava a equipe alemã. O caso rendeu multa e punição de fechamento de um setor da arquibancada do estádio onde o Bayern manda as suas partidas. No caso das ofensas a Rogério Ceni o caso nem chegou a ser levado para julgamento⁸. Extraído de: <http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,uefa-fecha-setor-de-estadio-do-bayern-de-munich-por-cartaz-homofobico,1144451,0.htm>

A preocupação desse trabalho é a de apresentar e de problematizar algumas relações entre futebol e sexualidade, na tentativa de compreender o porquê de o futebol representar um signo performatizador de uma masculinidade reverenciada socialmente como dominante, que acaba por discriminar e estigmatizar quem não se encaixa aos seus termos, mais precisamente homens homossexuais e mulheres. Também busca-se analisar a articulação dos grupos que se apresentam como torcidas *queer* e livres e as suas práticas discursivas que propõem a desestabilização da dominação masculina, que regula as relações nos estádios de futebol.

II – A dominação masculina e a configuração de um cenário de estabelecidos-*outsiders* no futebol brasileiro

Ao fazer uma análise da história da popularização do futebol no Brasil é possível perceber conflitos e tensões presentes na sociedade brasileira. Por mais que tenha sido um meio de inserção e de reconhecimento das pessoas de ascendência negra na sociedade brasileira – principalmente devido à performance destacada de jogadores como Pelé, Didi, Leônidas da Silva, Romário, Ronaldo e Neymar, entre tantos outros tantos que fizeram de atletas de ascendência negra protagonistas desse esporte – eram evidentes os limites impostos a essa inclusão, assim como eram notórios os estigmas e preconceitos com relação a essas populações.

Um exemplo emblemático é a derrota da Seleção Brasileira para o Uruguai, na final da Copa de 1950, evento que ficou marcado para a posteridade como “Maracanazo”. Ali era decretado pela crônica esportiva da época o fracasso do povo brasileiro e da sua miscigenação. Dois jogadores ficaram marcados como os principais responsáveis pela derrota brasileira, o goleiro Barbosa e o lateral-esquerdo Bigode, ambos de ascendência negra.

“Na Copa do Mundo de 1950, disputada no Brasil, a derrota para o Uruguai na final foi atribuída à falta de hombridade e a fatores raciais. Ou melhor, a ‘falta de masculinidade de negros e mulatos’ seria responsável pela nossa derrota. O negro e o mulato são representados quase como afeminados. Foram considerados os maiores culpados da derrota brasileira: o goleiro Barbosa, que teria falhado no segundo gol do Uruguai, e o jogador Bigode, que teria levado um tapa de Obdulio Varela, capitão do time uruguaio, ambos escolhidos, justamente, por possuírem ascendência negra” (SOUZA: 1996, p.127)

O trecho destacado evidencia um ideal de masculinidade⁹ que seria crucial para a vitória brasileira e que uma suposta falta de “hombridade” por parte do escrete brasileiro serviu de justificativa para a derrota frente aos uruguaios.

Aproveitando a ideia de dominação masculina para o universo do futebol, a ausência de alguns comportamentos reconhecidos como emblema de uma forma específica de masculinidade representa uma falta de virtude e até mesmo um desvio de caráter. Isso legitima o emprego da injúria homofóbica recorrente na depreciação de figuras como jogadores/torcedores do time adversário, juiz (quando favorece a equipe adversária) ou de jogadores e torcedores da própria equipe, cuja má atuação ou conduta inapropriada, coloquem em risco a ideia de “integridade” do grupo estabelecido e o próprio padrão normatizador¹⁰.

O estádio de futebol “locus por excelência da homosociabilidade” admite demonstrações de afetividade entre homens que não costumam ser manifestadas no dia-a-dia. Abraços intensos e calorosos na comemoração de gols do time pelo qual se torce, por exemplo, são muito comuns: “...essa afabilidade masculina quando pode ser expressa se faz de forma efusiva e o Futebol então pode ser encarado como um catalizador dessa afetividade ‘represada’ ” (FREITAS: 2002). Porém a demonstração de afeto a outro homem que não se presta a render homenagem ao time que torce, evidenciando uma subjetividade que não se sujeita à homogeneização da massa é duramente repelida e hostilizada.

“Em 2008, eu morei alguns meses em São Paulo e tinha um namorado que era palmeirense também. A gente foi até aconselhado por um amigo dele da torcida organizada a não ter nenhuma demonstração de afeto dentro do estádio, porque a gente poderia ser agredido”¹¹

⁹ A respeito do ideal de masculinidade, recorro a Vale de Almeida que diz “...a masculinidade é internamente constituída por assimetrias (como heterossexual/homossexual) e hierarquias (de mais a menos “masculino”), em que se detectam modelos hegemônicos e variante subordinadas (...). Isto só pode significar duas coisas: que a masculinidade não é a mera formulação cultural de um dado natural; e que a sua definição, aquisição e manutenção constitui um processo social frágil, vigiado, auto-vigiado e disputado” (ALMEIDA:1996, p.163)

¹⁰ As torcidas organizadas do São Paulo não gritavam o nome do jogador Richarlyson, que atuou pelo clube entre 2005 e 2010. O jogador por diversas vezes teve a sua sexualidade questionada, mas sempre afirmou ser heterossexual. Também eram recorrentes as ofensas e cantos homofóbicos contra ele por parte de torcedores adversários e do próprio São Paulo. Ver: <http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/brasileiro/serie-a/ultimas-noticias/2009/08/13/ult5895u6969.jhtm>

¹¹ Relato de William, palmeirense, integrante da Palmeiras Livre. Extraído da reportagem “O tabu das arquibancadas”, disponível em <http://www.apublica.org/2013/11/tabu-das-arquibancadas/>

No espectro do grupo estabelecido nos estádios de futebol brasileiros, destacam-se as torcidas organizadas, justamente pela capacidade de construção de um carisma grupal. Eles se apresentam e são reconhecidos como os representantes mais apaixonados e maiores apoiadores do time durante os 90 minutos de partida. Entoam cantos e gritos de guerra que são cantados também por torcedores que não fazem parte de suas fileiras. Contam, muitas vezes, com o respaldo de jogadores, que comemoram gols e vitórias indo em direção aos setores onde se concentram as organizadas e costumam também ter bom relacionamento com as diretorias dos clubes, sendo ainda muito comum a ajuda no custeio das viagens dos organizados para jogos fora da cidade ou do estado de origem e a facilitação da compra de ingressos pelas torcidas organizadas.

Almeida em sua pesquisa sobre as masculinidades no interior de um grupo de mineradores habitantes da aldeia de Pardais, em Portugal, destaca que na dinâmica de hierarquização das masculinidades, um dos méritos que distingue e confere maior status a alguns é o da disposição a fazer sacrifícios (ALMEIDA: 1996, pp.169-170). No futebol, quanto maior o sacrifício e os riscos assumidos em nome do time do coração, maior será respeito e o reconhecimento obtido dentro do grupo. Tal imagem é recorrente nas práticas discursivas das torcidas organizadas e aparece na fala do presidente de uma das principais torcidas organizadas do Corinthians. Também expõe a ideia de um processo pedagógico, composto por uma série de rituais de aquisição de capital simbólico que legitime a participação e a visibilidade de indivíduos/grupos entre os estabelecidos nos estádios:

“... para nós, uma torcida organizada começa como a gente sempre troca ideia nas torcidas: o cara vai para uma caravana, o cara participa de vários jogos do Corinthians na arquibancada e não na numerada, a pessoa participa de inúmeras manifestações corinthianas que teve nesses últimos anos, tanto de protesto contra diretoria, contra jogador. Tem uma caminhada ideológica dentro de uma instituição para você fundar uma torcida organizada. (...) Tomei muita borrachada da polícia por aí, passei muita fome na estrada, nunca fomos pra qualquer lugar e fomos bem recebidos por qualquer órgão que cuida da organização do jogo no estádio, da segurança pública, nós sempre fomos maltratados por muitos deles, então a torcida organizada não é simplesmente chegar e falar: ‘Ó, vou criar uma torcida hoje. Vou criar uma camisa e vou pro estádio’ ”¹²

Para além da representatividade das torcidas organizadas, outros agentes que estão inseridos no universo do futebol, contribuem para a reafirmação e a “naturalização” da ideia de dominação masculina, como, por exemplo, a mídia especializada, mediadora das informações e dos saberes sobre o jogo a serem transmitidas para o público, muitas vezes,

¹² Relato de Capão, presidente da torcida organizada Camisa 12, do Corinthians. Extraído da reportagem “O tabu das arquibancadas”, disponível em <http://www.apublica.org/2013/11/tabu-das-arquibancadas/>

contribuindo para afixar e essencializar estereótipos, como a de que gays e mulheres não gostam ou não se interessam por futebol.

A sustentação da ideia de dominação masculina se dá também pelo esforço de negação da legitimidade e do direito à apropriação do futebol por pessoas que não se conformam com esse modelo de masculinidade reverenciada, contribuindo para afixar estereótipos, como a de que gays e mulheres não gostam ou não se interessam por futebol. Há aqui o que Pierre Bourdieu chama de instituição da **violência simbólica**, ou seja, a construção e a reafirmação de discursos cuja força performativa¹³ tem a capacidade de produzir o efeito de introjetar tais valores estigmatizantes. Até por conta da dificuldade de homossexuais e mulheres encontrarem referências já inseridos no esporte, com os quais consigam estabelecer identificação, muitos incorporam para si a visão dominante de que o futebol nada tem a ver com eles e de que possuem uma inaptidão nata para apreender os saberes e os códigos necessários para se sentirem participantes legítimos das suas práticas.

“A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação), quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor para pensar a sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto” (BOURDIEU: 2002, p.49)

Há aqui o que Bourdieu chama de instituição da **violência simbólica**, ou seja, a construção e a reafirmação de discursos cuja força performativa tem a capacidade de produzir o efeito de introjetar tais valores estigmatizantes nas pessoas consideradas *outsiders*. Até por conta da dificuldade de homossexuais e mulheres encontrarem referências já inseridas no esporte com as quais consigam estabelecer identificação, muitos acabam incorporam para si a visão dominante de que o futebol nada tem a ver com eles e

¹³ Diz Silva sobre a performatividade e a produção e essencialização da identidade e da diferença: “A eficácia produtiva dos enunciados performativos ligados à identidade depende de sua incessante repetição. Em termos da produção da identidade, a ocorrência de uma única sentença desse tipo não teria nenhum efeito importante. É de sua repetição e, sobretudo, da possibilidade de sua repetição, que vem a força que um ato linguístico desse tipo tem no processo de produção da identidade” (SILVA: 2000, p.7)

de que não possuem os saberes e códigos necessários para se sentirem participantes legítimos das suas práticas.

“A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação), quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor para pensar a sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto” (BOURDIEU: 2002, p.49)

Como forma de se contrapor à dominação masculina, que visa naturalizar a hierarquização e a estigmatização de identidades de gênero e orientações sexuais consideradas não-normativas, a ação política, na chave interpretativa de Jacques Rancière, abre possibilidades para pessoas e grupos *outsiders* produzirem práticas discursivas “inteligíveis” que venham a questionar e expor o caráter “não-natural”, mas, sim, de construção cultural e histórica dos códigos e restrições que regem as relações nas práticas relacionadas ao jogo de futebol:

“A atividade política é a que desloca um corpo do lugar que lhe era designado ou muda a destinação de um lugar; ela faz ver o que não cabia ser visto, faz ouvir um discurso ali onde só tinha lugar o barulho, faz ouvir como discurso o que era só ouvido como barulho. (...) Espetacular ou não, a atividade política é sempre um modo de manifestação que desfaz as divisões sensíveis da ordem policial ao atualizar uma pressuposição que lhe é heterogênea por princípio, a de uma parcela dos sem-parcela que manifesta ela mesma, em última instância, a pura contingência da ordem, a igualdade de qualquer ser falante com qualquer outro ser falante” (RANCIÈRE: 1996, pp.41-43)

A partir desse olhar, é possível dizer que os grupos que se apresentam como torcidas *queer* e livres, propõem-se a produzir práticas discursivas na contramão do ideal hegemônico, visando uma nova configuração das relações de poder, assim como a desestabilização da ideia de “efeito de destino que a categorização estigmatizante produz” (BOURDIEU:2002, p.144).

No próximo tópico farei uma apresentação mais detalhada sobre o que são as torcidas livres e *queer*, analisando a maneira como se articulam e produzem e divulgam conteúdos. Trarei relatos de alguns dos integrantes que também permitirão uma melhor compreensão acerca da experiência dessas pessoas com o evento futebol.

III – Ações (e reações) de enfrentamento à centralidade masculina: das torcidas gays às torcidas *queer* e livres

No fim da década de 1970, duas torcidas organizadas, Coligay¹⁴ e Fla-Gay¹⁵, foram criadas com o propósito de conclamar gays amantes de futebol a frequentarem os estádios para externar a torcida pelo “time de coração”.

Na tentativa de marcar presença nas arquibancadas, as duas torcidas acabaram sendo vítimas de hostilidades e perseguições por parte de representantes das grandes torcidas organizadas dos próprios times. Foram acusadas de serem iniciativas arquitetadas por torcedores de clubes rivais, visando denegrir o nome de Grêmio e Flamengo. Apesar da curta existência, marcaram história como primeiras tentativas de desestabilizar a ideia de que uma determinada masculinidade tem maior legitimidade para figurar nos estádios de futebol.

Mais do que isso, Coligay e Fla-Gay surgiram em um contexto político de ditadura militar, marcado por fortes restrições às liberdades políticas, de opinião e de expressão, ousando ao propor o reconhecimento do direito à apropriação de espaços públicos por indivíduos com subjetividades que não correspondam ao padrão heteronormativo binário.¹⁶

Vive-se atualmente um contexto histórico-político diferente no qual há muito mais canais de diálogo e maior visibilidade para os debates em torno da conquista de direitos e o reconhecimento social para gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transgêneros e outras orientações sexuais minoritárias. Vários são os grupos e movimentos organizados das comunidades LGBT¹⁷, cuja atuação coloca em xeque o padrão heteronormativo da

¹⁴ Formada por torcedores do Grêmio (RS), foi fundada em 1977 por Volmar Santos, então dono da boate gay Coliseu, em Porto Alegre. A torcida chegou a ter setenta adeptos que frequentavam os estádios onde o Grêmio atuava.

¹⁵ Formada por torcedores do Flamengo (RJ), a Fla-gay foi idealizada pelo carnavalesco Clóvis Bornay (que era, na verdade, botafoguense) e em 1979. A ideia surgiu quando Bornay convocou flameguistas gays a irem ao Maracanã para assistirem a um Fla-Flu, como é popularmente conhecido o clássico Flamengo e Fluminense.

¹⁶ A década de 1970, em pleno regime ditadura militar, também marca o aparecimento de movimentos políticos e culturais que rompiam com a ordem binária dos corpos e gêneros. No campo da política, destaque para o Somos – Grupo de Afirmação Homossexual, considerado o primeiro grupo político a atuar pelo reconhecimento da cidadania à população homossexual e, na cultura, o grupo performático carioca Dzi Croquettes fez grande sucesso, apresentando uma estética andrógina, híbrida, desconstruindo concepções cristalizadas do masculino e feminino. Mais detalhes em < <http://www.revistaforum.com.br/blog/2014/04/bichas-e-ditadura-militar/> >. Acesso em 13/10/2014.

¹⁷ Sigla que se refere a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros, no plano político, o termo LGBT, referendado a partir do ano de 2008, abrange pessoas com orientações sexuais e identidades de gênero consideradas não normativas.

sociedade, que diferencia e hierarquiza cidadãos de acordo com a sua sexualidade, e que por meio da ação política lutam pelo reconhecimento pleno da sua cidadania e pela igualdade de direitos.

Porém, o esporte e, principalmente o futebol ainda tem-se revelado “... *um reduto importante do preconceito aos homossexuais. (...) Quanto mais a sociedade se constrói no respeito ao diferente, mais nítido fica a discrepância do aceite ao homossexual no futebol*” (ALMEIDA e SOARES: 2012, p.306):

Desde 2013 apareceram na rede social Facebook comunidades que se apresentavam como torcidas *queer*¹⁸ e livres de alguns dos principais times do Brasil ¹⁹. Essas páginas divulgam conteúdos, próprios ou publicados na mídia, questionando a heteronormatividade, que privilegia um modelo de masculinidade como legítimo participante das práticas do futebol, e contrapondo-se à homofobia e ao machismo que segregam gays e mulheres dos estádios. Criadas a partir da iniciativa e articulação de pequenos grupos são acompanhadas por pessoas, na maioria, entre os 25 e 34 anos.

“A ideia da página foi minha, sozinha, mas logo que criei, chamei algumas amigas e amigos para participar e formamos um grupo de 5 a 10 pessoas meio flutuantes. O evento que me motivou foi uma ida ao estádio, depois de um ano na Alemanha (onde comecei a estudar gênero e portanto ser mais sensível ao tema), ao jogo do Galo contra o Arsenal, no qual todas as pessoas (incluindo os meus amigos teoricamente não homofóbicos) gritavam "Arsenal é maricón". Além disso, me incomodou muito ser

¹⁸ Na tradução literal *queer* quer dizer estranho, excêntrico e, mesmo, ridículo. De acordo com Louro: “... a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais. Um insulto que tem, para usar o argumento de Judith Butler, a força de uma invocação sempre repetida, um insulto que ecoa e reitera os gritos de muitos grupos homofóbicos, ao longo do tempo e que, por isso, adquire força, conferindo um lugar discriminado e abjeto àqueles a quem é dirigido. Este termo, com toda sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação. Para esse grupo, *queer* significa colocar-se contra a normalização (...). Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade (...). *Queer* representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora” (LOURO: 2001, p.546)

¹⁹ As torcidas gays/anti-homofobia atualmente ativas no Facebook são:

- Galo Queer: <https://www.facebook.com/pages/Galo-Queer/260183954118767?fref=ts>
- Cruzeiro Maria: <https://www.facebook.com/torcidacruzairomaria?ref=ts&fref=ts>
- Cruzeiro Livre: <https://www.facebook.com/CruzeiroLivre?fref=ts>
- Bambi Tricolor: <https://www.facebook.com/BambiTricolor>
- Palmeiras Livre: <https://www.facebook.com/PalmeirasLivre?fref=ts>
- EC Bahia Livre: <https://www.facebook.com/pages/EC-BAHIA-LIVRE/494001227314767>
- EC Vitoria Livre: <https://www.facebook.com/ecvitorialivre>
- Furacão sem Homofobia: <https://www.facebook.com/caplivre>
- Coxa sem Homofobia: <https://www.facebook.com/pages/COXA-Sem-Homofobia/428585357237479?fref=ts>
- Grêmio Queer: <https://www.facebook.com/pages/Gremio-Queer/596222133723294>
- Queerlorado: <https://www.facebook.com/pages/QUEERlorado/164289153730713?fref=ts>

mulher naquele ambiente extremamente machista, no qual a maioria dos homens pensa que mulher não entende de futebol e ainda por cima nos assediam”²⁰

“O contexto da criação foi simples demais. Éramos já um grupo de amigos, todos são paulinos, que concordava que o apelido bambi merecia uma recepção diferente da torcida tricolor. Sem nenhuma pretensão, coisa de conversa de bar e só. Quando a Galo Queer surgiu, nós achamos a ideia genial e esperamos uma semana para ver se alguém na torcida do nosso time encararia. Várias torcidas foram se apresentando, mas nada do São Paulo. Decidimos, então, fazer a nossa, pelo menos pra ‘marcar presença’ e participar desse movimento, sem nenhuma ideia de por quanto tempo manteríamos a página, nem o que adviria dela”²¹

Em comum, diante das constantes ofensas dirigidas a mulheres e a homossexuais nos estádios, o sentimento de indignação é o que impulsiona o desejo de se manifestar publicamente contra esse estado de coisas e a criação das torcidas.

A pesquisa concentra-se em três comunidades: a **Galo Queer**²², formada por torcedores do Atlético Mineiro, primeira torcida *queer* do país e que congrega o maior número de adeptos; **Bambi Tricolor**²³ e **Palmeiras Livre**²⁴, torcidas de dois dos grandes da cidade de São Paulo (respectivamente São Paulo e Palmeiras) bastante ativas e engajadas no posicionamento favorável ao reconhecimento do direito pleno de liberdade de ir e vir e de expressão às pessoas das comunidades LGBT.

Até o momento as ações dessas torcidas acontecem unicamente na esfera virtual. Criadores dessas comunidades são constantemente hostilizados e ameaçados por pessoas que os veem como transgressores que afrontam a ideia naturalizada de cultura do futebol.

²⁰ Extraído de entrevista com Nathalia, representante da Galo Queer, em 21/03/2014.

²¹ Extraído de entrevista com Aline, representante da Bambi Tricolor, em 11/03/2014.

²² Comunidade criada em 09/04/2013. Apresenta-se da seguinte forma: “*Galo Queer é o movimento anti-homofobia e antissexismo no futebol dos torcedores do Clube Atlético Mineiro, vulgo Galo Doido. Porque paixão pelo Galo não tem nada a ver com intolerância*”. Possui 7265 seguidores (dado de 06/04/2014). Endereço da página: <https://www.facebook.com/pages/Galo-Queer/260183954118767?fref=ts>

²³ Comunidade criada em 14/04/2013. A apresentação da página diz: “*Paixão pelo futebol, amor ao clube e até rivalidade entre adversários não tem nada a ver com homofobia. Se, até agora, Bambi foi um apelido usado para discriminar, por que não adotá-lo com orgulho e desarmar o preconceito? Pelo SPFC livre*”. Atualmente 2645 pessoas seguem a página (dado de 06/04/2014). Endereço da página: <https://www.facebook.com/BambiTricolor?fref=ts>

²⁴ Página criada em 12/04/2013. Apresenta-se como: “*Movimento anti-homo e transfobia, contra o racismo e todo tipo de sexismo (os machismos e misoginias em especial), destinado à torcida que mais canta e vibra. Porque paixão pelo Palmeiras não tem nada a ver com intolerância*”. Conta com 2712 seguidores (dado de 06/04/2014). Endereço da página: <https://www.facebook.com/PalmeirasLivre>

“Dia sim e outro também nós recebemos ameaças. As pessoas vem ameaçando, dizendo que estão mexendo com o time errado, que eles vão descobrir quem é, que não sei o quê”²⁵

“Nós nos encontramos esporadicamente, uns mais outros menos, cada um tem uma rotina e uma vida bastante cheias, então não temos condição de promover encontros oficiais de "integrantes", nossa relação se mantém exatamente como antes da criação da página e por enquanto permanecerá assim. Sim, os três rapazes, principalmente, frequentam bastante os estádios e por isso eles evitam a todo custo aparecer em matérias, eles têm receio de serem identificados e reconhecidos pela torcida, por integrantes violentos (...) Se a página for fértil o bastante para criar uma comunidade que tenha vontade de levar isso adiante nós daremos todo o apoio, mas nós, pessoalmente, com a vida e perspectivas que levamos, por enquanto sinceramente não dá.(...) Nossos compromissos da vida "offline" tomam nosso tempo quase inteiro, a Bambi é feita com o que nos resta de tempo livre e disposição e, tomara, os textos que postamos já contribuam pelo menos um pouquinho pro debate, pra essa realocação de ideias que começa a ganhar força”²⁶

A fala de Aline, porta-voz e uma das criadoras da Bambi Tricolor, evidencia os receios que participantes têm de serem vítimas de agressões por conta de sua associação à comunidade. Esse medo faz com que alguns de seus integrantes, ao frequentar os estádios, prefiram a condição de “clandestinidade” em meio aos estabelecidos. Também expõe os limites de atuação que a comunidade se propõe, reconhecendo-se, no momento, muito mais como um instrumento que produz a crítica à ideia de dominação masculina no futebol e amplie a visibilidade dos debates em torno da superação da homofobia e do machismo.

“A forma simbólica de dominação de que são vítimas os homossexuais (...), impõe-se através de atos coletivos de categorização que dão margem a diferenças significativas, negativamente marcadas e com isso a grupos ou categorias sociais estigmatizadas. Como em certos tipos de racismo, ela assume, no caso, a forma de uma negação da sua existência pública, visível. A opressão como forma de ‘invisibilização’ traduz uma recusa à existência legítima, pública, isto é, conhecida e reconhecida, sobretudo pelo Direito, e por uma estigmatização que só aparece realmente declarada quando o movimento reivindica a visibilidade. Alega-se, então, explicitamente a ‘discrição’ ou a dissimulação que ele é ordinariamente obrigado a se impor” (BOURDIEU: 2002, p. 143-144)

Mas, se a demarcação de espaços nos estádios ainda é um objetivo distante para esses grupos, a possibilidade de articulação pelas redes sociais fez com que as práticas discursivas das torcidas livres e *queer* atingissem um número maior de pessoas, repercutindo, inclusive, na grande mídia²⁷. Dessa forma, vai sendo ampliada a visibilidade

²⁵ Fala de Thais, representante da Palmeiras Livre, extraída da reportagem “O tabu das arquibancadas”. Disponível em: <http://www.apublica.org/2013/11/tabu-das-arquibancadas/>

²⁶ Extraído de entrevista com Aline, representante da Bambi Tricolor, em 11/03/2014.

²⁷ Sobre a repercussão criada pelas torcidas na mídia, ver: < <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2013/06/06/bambi-tricolor-ganha-adeptos-na-internet-mas-medo-de-agressao-breca-acao-em-estadios.htm> > Acesso em 12/10/2014; < <http://placar.abril.com.br/materia/porta-da-esperanca->

do debate sobre a homofobia como postura que segrega e cria obstáculos ao reconhecimento pleno de homossexuais como participantes do evento futebol e entende-se que este pode ser um passo importante para a construção de uma sociedade brasileira mais igualitária, orientada pelo reconhecimento e o respeito às múltiplas subjetividades.

IV. Considerações Finais

No decorrer do texto procurei problematizar as relações entre futebol e sexualidade, buscando entender, pela perspectiva de Bourdieu, a dominação masculina na qual se constitui relações de poder, analisada pela dualidade estabelecidos-outsiders, que visam legitimar e reafirmar um modelo de masculinidade viril e hierarquizar e segregar subjetividades que não se conformam a esse ideal.

Na contramão do discurso daqueles que exercem e reafirmam a dominação masculina, há iniciativas como a dos grupos que criaram as torcidas *queer* e livres, que elaboram práticas discursivas confrontando a heteronormatividade e a hegemonia masculina. Mesmo com as ameaças, hostilidades e constrangimentos que dificultam a transposição da esfera virtual para a apropriação de espaços nas arquibancadas dos estádios, essas grupos, por meio da articulação na esfera virtual, têm suscitado reflexões e conseguido ampliar a visibilidade para o debate sobre a homofobia e o machismo como posturas que segregam e criam obstáculos a ao reconhecimento pleno de homossexuais e mulheres no contexto do futebol. Reivindicam que essas pessoas tenham a sua participação e lugares legitimados nas práticas que dão sentido ao jogo futebol, entendendo ser esse um passo importante para a construção de uma sociedade brasileira mais igualitária, orientada pelo reconhecimento e o respeito às múltiplas subjetividades.

Bibliografia:

- ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; SOARES, Alessandro da Silva. O futebol no banco dos réus: caso da homofobia. *Movimento*. Porto Alegre, v.18, n.1, p.301-321, 2012.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. “Gênero, masculinidade e poder: Revendo um caso do Sul de Portugal”. In *Anuário Antropológico*, 95, pp.161-190. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada. “Amor e masculinidade nos estádios de futebol”. In *Esporte e Sociedade*, v. 19, p. 1-26, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- FREITAS, Marcel. “Do amor grego à paixão nacional: masculinidade homoeroticidade no futebol brasileiro. In: [http://www.efdeportes.com/ Revista Digital](http://www.efdeportes.com/Revista_Digital)
- - Año 8 - N° 55 - Buenos Aires: dezembro de 2002 (disponível em <http://www.efdeportes.com/efd55/paixao1.htm>)
- LOURO, Guacira Lopes. “Teoria Queer: Uma Política Pós-Identitária para a Educação”. In: *Revista Estudos Feministas*. V.9, n.2 Florianópolis: IFCH, 2001.
- RANCIÈRE, Jacques. *O desentendimento – Política e Filosofia*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. “A produção social da identidade e da diferença” in: SILVA, Tomaz Tadeu da (org. e trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. Disponível em: <http://ccs.ufpel.edu.br/wp/wp-content/uploads/2011/07/a-producao-social-da-identidade-e-da-diferenca.pdf>
- SOUZA, Marcos Alves de. “Gênero e raça: a nação construída pelo futebol brasileiro”. In *Cadernos Pagu*, Campinas, nº 6-7, p. 109-152, 1996.